

LITERATURA NO INTERIOR: ISOLAMENTO CULTURAL E PARTICIPAÇÃO

Valesca de Assis*

Gostaria de iniciar pelo termo mais positivo da proposta temática: a participação.

Participar é, por definição, fazer saber, comunicar, anunciar; tomar parte em; associar-se pelo sentimento, pelo pensamento; solidarizar-se com.

É isso que faz o professor ao comunicar a existência de um novo conhecimento, de uma diferente etapa do saber; quando anuncia que, além do aqui e agora, há um sem número de realidades e circunstâncias que podem ser alcançadas.

É, também, o que faz o escritor, anunciador de novos mundos, ficcionais ou não.

Convém destacar que a atuação de ambos, do professor e do escritor - da escola e da literatura - vai além da mera semelhança. Antes, é uma ação necessariamente convergente, como podemos constatar em breves considerações:

- a) o processo de criação literária não se esgota no trabalho de *escrever um livro*; a leitura é complemento necessário desse processo, e, quanto mais crítico e criativo for o leitor, mais ricas e variadas leituras a obra comportará;
- b) conforme a nova Estética da Recepção, é o leitor que vai promover, de um lado, a atualização da obra literária, e, de outro, a própria transformação (dele, leitor) nos planos pessoal e coletivo. Tal leitor configura-se a partir de duas categorias:

* Escritora

- a do horizonte de expectativas: misto dos códigos vigentes e da soma de experiências acumuladas;

- a da emancipação: finalidade e efeito alcançado pela arte, que libera seu destinatário das percepções usuais e confere-lhes uma nova visão da realidade (7:49);

c) é, portanto, no seio da experiência estética que a literatura (como a arte em geral) realiza a sua função social maior: a de sobrepor-se ao imobilismo social, rompendo com os padrões vigentes e propondo novos códigos;

d) é à escola, predominantemente, que cabe apresentar a literatura às crianças e aos jovens, tarefa que, no mais das vezes, é deixada somente para o professor de literatura/língua portuguesa;

e) o sistema escolar é profundamente conservador: embora se proclame democrático e transformador, visa promover a adaptação do estudante aos padrões sociais estabelecidos pela elite dominante;

f) para se provar democrático, o sistema escolar deixa frestas de liberdade. É através dessas mínimas aberturas que os professores podem e devem promover o avanço social e pedagógico, considerando que a sala de aula é, ainda, o lugar de maior liberdade dentro do sistema, e que a literatura é a menos censurada das formas de expressão.

Localizado o centro formador de novos leitores e reconhecida a viabilidade de o projeto aí se realizar, há que se pensar em como a ação deve ser encaminhada. Conforme é da mais elementar pedagogia, o primeiro passo é oferecer textos que falem da realidade próxima do leitor, que lhe apresentem significado e sentido, possibilitando que se situe no seu tempo e no seu espaço, que se reconheça, enfim. *A familiaridade do leitor com a obra gera predisposição para leitura e o conseqüente desencadeamento do ato de ler (1:18). Cabe à escola iluminar o caminho: Se a escola não efetua o vínculo entre a cultura da classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra, porque a realidade representada não lhe diz respeito (1:16).* Processa-se, aí, a identificação. Só quando sabemos quem somos, de onde viemos, é que poderemos escolher para onde queremos ir.

Progressivamente, vão sendo apresentadas obras mais complexas e que tragam novidades ao leitor. Nesta etapa, ele vai travar contato com diferentes alternativas de vida pessoal e social, ensejando uma reorganização de seu mundo interno e até da realidade exterior. Deixará de ser um simples ator para transformar-se em autor de sua própria história. Será um participante.

Isso não significa que vai esquecer a sua terra natal, a qual manterá, sempre, um caráter *sagrado*. É nessa fonte, transformada ou não, que o indivíduo irá buscar regeneração emocional, mas, aí, o sentido será o de buscar o colo materno. Algumas tribos africanas têm, ainda hoje, o costume de comer punhados de terra do lugar onde nasceram seus antepassados, como símbolo de identificação a um grupo e a um espaço. Nós o fazemos lendo e dissecando a nossa própria história.

O processo por que passa um escritor, não é muito diferente do acima exposto. Primeiro, ocupa-se de realidades mais próximas a si às suas circunstâncias. Depois, vai ampliando horizontes, ousando cada vez mais, trazendo à luz personagens e situações jamais cogitados: da terra natal/casa paterna para um universo de infinitas possibilidades.

Para finalizar, ocupemo-nos do isolamento, que quer dizer *insulação, separação*, falta de contato. Por vezes, os escritores regionais queixam-se de um grande isolamento cultural, da absoluta falta de interlocutores. É verdade. Mas, essa verdade vale para todos, mesmo os que vivem nos grandes centros. O debate que tem valor, o que vai nos enriquecer de fato, é aquele travado com os livros. Evidentemente, desejamos comentar sobre o que lemos, mostrar nossa produção a outros. Essa etapa, natural no ser humano, exige paciência. Uma carreira literária sólida não se faz em menos de vinte anos. Porém, se nosso trabalho for sério, e se tiver valor, nossa carreira ultrapassará, em muito, o tempo de nossa vida, e participaremos, com um tijolo ou com muitos, da construção de um mundo melhor.

E não esqueçamos: é no âmbito da escola - do jardim de infância à universidade - que ajudaremos a formar interlocutores à altura de nossas utopias possíveis. Quem sabe, um dia, nossa sagrada terra natal possa ser, por nossa atuação, além de uma potência econômica, um centro de irradiação cultural. Potencialidades não lhe faltam.

Bibliografia:

- AGUIAR, Vera Teixeira e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura: a formação do leitor; alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 176p. (série Novas Perspectivas, 27).
- ASSIS BRASIL, Luiz Antônio de. *Oficina de criação literária: o experimentalismo do texto*, in: Letras de Hoje. Porto Alegre: PUCRS, v 23, n 1, p 141-148, março de 1988.
- FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 4. ed., 1983. 96p. (coleções polêmicas de nosso tempo, 4).
- RANGEL, Mary. *Dinâmica de leitura na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1990. 62 p.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Leitura & realidade brasileira*. 4. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988. 104 p. (Série Novas Perspectivas, 5) .
- SILVA, Lilian Lopes Martin da. *A escolarização do leitor: a didática da destruição da leitura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986. 84 p. (Série Novas Perspectivas, 19).
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989. 124p. (Série Fundamentos, 41).